

# EL DESAMPARO SOCIAL DE LOS PADRES EN TIEMPOS Y CONTEXTOS CRÍTICOS

O DESAMPARO SOCIAL DOS PAIS  
EM MOMENTOS E CONTEXTOS CRÍTICOS

SOCIAL HELPLESSNESS OF PARENTS  
IN CRITICAL TIMES AND CONTEXTS

Carmen Rosa Zelaya  
Asociación Peruana de Psicoterapia Psicoanalítica de Niños y  
Adolescentes  
ORCID: 0009-0003-5213-6778  
Correo electrónico: camuzp15@gmail.com

Fecha de recepción: 23 de marzo 2025  
Fecha de aceptación: 20 de abril 2025

**Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article**

Zelaya C. (2025) EL DESAMPARO SOCIAL DE LOS PADRES EN TIEMPOS Y CONTEXTOS CRÍTICOS  
Intercambio Psicoanalítico 16 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/16.1.6  
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

# O DESAMPARO SOCIAL DOS PAIS EM MOMENTOS E CONTEXTOS CRÍTICOS

Apresentado no Simposio Clínico FLAPPSIP 2024<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão foi apresentada na celebração dos vinte anos da Revista de Psicopatología y Salud Mental del Niño y el Adolescente da Fundação Orienta (Barcelona, 2023).

## Carmen Rosa Zelaya<sup>2</sup>

2 Graduada em Psicologia Clínica, mestre em Estudos Teóricos em Psicanálise e doutoranda em Estudos Psicanalíticos pela Pontificia Universidad Católica de Perú (PUCP). É psicanalista de adultos, crianças e adolescentes da Sociedade Peruana de Psicanálise (SPP), membro da International Psychoanalytical Association (IPA), da Comissão Científica da SPP e da APPPNA. Foi coordenadora suplente da Comissão de Infância e Adolescência da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL, 2020-2022), professora de psicoterapia psicanalítica no Instituto Inter-Cambio, no Instituto Peruano de Psicanálise (IPP) e no Centro de Psicoterapia Psicanalítica de Lima (CPPL), ex-diretora da Biblioteca da SPP, ex-presidenta da APPPNA, e vice-presidenta do Instituto Inter-Cambio (2025-2026). Além disso, é coeditora do livro *La maternidad y sus vicisitudes hoy* (2006). Pesquisa e publica sobre temas relacionados à maternidade e ao vínculo precoce.

Os países latino-americanos compartilham problemas sociais, políticos e econômicos que geraram conflitos e instabilidade durante seu desenvolvimento histórico. As crises e os conflitos sociais, que remontam aos tempos coloniais, se estabeleceram e persistem até os dias atuais. São marcas dolorosas de desigualdades raciais e étnicas expressas de maneira discriminatória que não reconhecem as necessidades e os direitos de uma grande parcela da população.

Nos últimos anos, especialmente no Peru, a polarização social aumentou em magnitude com a chegada da pandemia da covid-19. O atendimento precário e insuficiente aos casos de emergência evidenciou a enorme negligência dos serviços de saúde hospitalares e a imensa população economicamente desfavorecida sofreu o impacto da falta de atendimento.

O Peru apresentou o maior número de mortes no mundo, chegando a alcançar a marca de 220.000. A crise de saúde ficou evidente em mortes solitárias, doentes isolados das suas famílias que morriam sem poder se despedir e enterros restritos que não permitiam o conforto de uma companhia próxima.

A ocorrência de mortes no Peru tem sido um evento repetido ao longo da nossa história. Durante várias décadas o país já estava sendo atormentado pelo conflito armado interno. Como resultado dos confrontos entre os militares, terroristas e civis, estima-se que o número de desaparecidos e mortos chegou a 70.000 e a população mais afetada foi a rural<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O número de mortos é estimado pelo "Informe do Grupo de Análise de Dados sobre os Direitos Humanos" da American Association for the Advancement of Science. Esse documento foi preparado para a Comissão da Verdade e Reconciliação (CVR, 2003).

Um reflexo claro da precariedade e degradação do Estado foi a incapacidade para conter e responder a estados de emergência. A instabilidade no Governo ficou evidente nas sucessivas mudanças de presidentes: nos últimos seis anos, tivemos seis presidentes, e quase todos foram presos ou manchados pela corrupção. Além disso, nos últimos tempos, se produziu uma ruptura (aparentemente irreconciliável) entre o Governo e a sociedade. As autoridades desacreditadas, enfrentadas entre elas no Congresso da República, são incapazes de ouvir ou atender às demandas sociais. Em vez disso, usam a força para reprimir as manifestações, o que acabou causando ainda mais mortes. Diante de momentos críticos da realidade peruana, ficou evidente a fragilidade de uma estrutura institucional que seja capaz de conter a ordem social.

No texto *Tótem y tabú* (1913), Freud propõe a hipótese sobre a origem das instituições humanas, por meio da qual destaca a necessidade de resolver o conflito fundamental entre o desejo e a proibição. A figura paterna se coloca como a autoridade que representa a lei que estabelece os limites que tornam possível uma convivência social segura. Nesse sentido, as instituições encarnariam a figura paterna, destinadas a garantir a ordem e o cuidado da população.

No contexto da atual conjuntura política, presidentes, vários ministros e parlamentares, considerados como “os pais da pátria”, foram caindo no descrédito total ao serem descobertos em graves atos de corrupção. A imagem daquela figura paterna, que no imaginário coletivo deveria garantir a ordem, desapareceu logo após ser eleito. Isso levou não só a protestos e apelos por uma intervenção justa, mas também, o que é ainda mais sério, a um estado generalizado de desamparo e desesperança.

Diante da crise sanitária, o direito à vida e à subjetividade parecia normalizar-se para alguns privilegiados, enquanto a precariedade afetava a grande maioria. Embora as mortes tenham acontecido em todos os estratos sociais, para os menos privilegiados o risco da perda, tanto da vida como do trabalho, se tornava uma realidade mais imediata, exacerbando seus níveis de ansiedade.

O clima de insegurança, incerteza e medo da morte tem se tornado um fenômeno cotidiano crescente: as famílias tentam sobreviver ao excesso de uma realidade ameaçadora, que vem sobrecarregando a capacidade de representação. Parece não haver espaço mental para refletir sobre o choque produzido pelas experiências traumáticas das perdas e sofrimentos que enfrentaram. O sofrimento psicológico prolongado e a falta de apoio levaram a que se estabeleça um estado de ânimo melancólico e desesperador. Isso levou a relacionamentos agressivos e paranóicos tanto dentro das famílias como nas ruas, o que se manifesta pelo aumento da criminalidade.

A psicanálise vem destacando a importância do papel dos pais no cuidado e no apoio emocional dos filhos, a quem corresponde desempenhar a função de para-excitação, atuando como escudo protetor, diante da ansiedade excessiva proveniente tanto do mundo externo como interno. Winnicott (1971) enfatiza a importância da qualidade do olhar materno como expressão do grau de conexão entre ela e os estados emocionais do bebê. Ele argumenta que um olhar capaz de identificar as necessidades e de responder oportunamente a elas facilitaria o desenvolvimento de um senso de identidade. Ver-se refletido no rosto da mãe lhe permitiria reconhecer-se como agente ativo e criativo durante seu desenvolvimento emocional. A partir dessa consideração, a ampla experiência de Winnicott na observação da díade mãe-filho deixa claro que o encontro com o Outro parental é fundamental para o processo de subjetivação.

Em condições sociais instáveis e precárias, os pais dificilmente poderão desempenhar tais funções. Se estiverem angustiados ou deprimidos, ameaçados em sua capacidade de conter e representar um momento crítico, como em algumas perdas vitais (de entes queridos, trabalho, moradia), então, seu olhar transmitirá medo, perplexidade, impotência, desolação e até apatia. Isso se aproxima ao que André Green (1993) chama de “mãe morta”, que se refere ao estado mental da mãe ou cuidadora que está psiquicamente ausente e que sofre de um vazio mental, cuja imagem diante da criança passa por uma transformação: de ser uma fonte potencial de vitalidade, ela se torna uma figura “distante, apática, praticamente inanimada” (p. 209). Green nos diz que, nesses casos, os pais são mergulhados em um luto branco, sobrevivendo à custa de uma “morte psíquica” e expondo seus filhos às consequências da falta de apoio parental. Esse último pode levar a uma subjetivação fracassada, quase um estado de orfandade que leva à desconfiança das oportunidades da vida ou, pelo contrário, à organização de um “falso self” que assume prematuramente a responsabilidade de se sustentar. Quando os problemas da realidade surgem, rompendo o tecido social, as famílias ficam desamparadas. Acima de tudo, nas populações vulneráveis que ficam esquecidas, não há ninguém a quem recorrer para conter e intervir diante do caos e do perigo.

Winnicott (1971) define o “desamparo” como o estado original do indivíduo ao nascer, que é sinônimo de dependência absoluta. Essa condição torna essencial a intervenção do outro, a quem ele denomina “mãe ambiente”. Esse papel pode ser desempenhado por qualquer cuidador que esteja comprometido a cuidar do bebê. As falhas repetidas na função de cuidado darão origem a experiências de desintegração, expressas em agonias primitivas e impensáveis, que descrevem o colap-

so do ego. Em momentos críticos, a ausência de medidas de proteção atualiza o “medo do colapso”, que envolveria reviver uma experiência de devastação subjetiva que já foi vivida. Em estados de ansiedade, a função do pensamento no sentido primordial é afetada, ou seja, a possibilidade de conceituar, nomear, expressar e compreender a ansiedade como uma forma de processar a experiência emocional.

Entre o confinamento obrigatório prolongado durante a pandemia, e um ambiente social caótico e ameaçador que não oferece uma estrutura que acolha e proteja as angústias, predispõe-se a que se precipite a experiência de estar “morto em vida” (Green, 2001). Isso gerou profundos sentimentos de solidão, vazio e falta de sentido.

É difícil compreender o impacto traumático que produz a soma de todas essas circunstâncias violentas nas habilidades parentais quando não há instituições sólidas capazes de responder reconhecendo e abordando as necessidades de apoio emocional, ouvindo e respondendo com medidas que aliviam as angústias. A experiência da pandemia, assim como a crise política e social, nos revela que o desamparo em situações críticas leva à degeneração das relações. Além disso, interfere na capacidade de discriminar os outros como sujeito e, mais ainda, de se identificar com sua condição. As experiências de carência prejudicam as funções parentais na capacidade de transformar a ansiedade excessiva gerada pelo medo e pela incerteza, com o risco de manifestação através de diferentes formas de abuso. Estas podem alcançar dimensões altamente violentas ou uma fuga que reproduz o desamparo vivido pelos próprios pais.

Parece que o distanciamento social e a instabilidade contínua dos últimos anos criaram um estado generalizado de confusão defensiva, no qual há uma tendência a destacar apenas o ruim, o prejudicial e tudo aquilo que poderia ameaçar a integridade.

Em sua abordagem sobre experiências traumáticas, Steven Marans (2020) afirma que, em momentos trágicos, as capacidades do ego da família são afetadas, o que restringe a possibilidade de dispor de recursos que permitem lidar com a tensão com certo controle. Marans também aponta a dificuldade em identificar as razões e os detalhes do contexto desestabilizador, e, conseqüentemente, a dificuldade de pensar em possíveis soluções para os grandes problemas.

Agora que o auge da pandemia passou, podemos começar a pensar como nos encontramos, e quais marcas ou conseqüências devem ser levadas em conta. Por enquanto, podemos conceber relacionamentos em estados de “convalescença”, termo que vem do latim e significa “reviver”; ou seja, refere-se ao processo de recuperação da pessoa doente, mas que não está totalmente recuperada.

Como podemos pensar em formas de recuperação que integrem o reconhecimento e a validação das necessidades dos pais e dos cuidadores que formam parte de uma população completamente diversa e com grandes setores socialmente excluídos? A realidade dos países latino-americanos nos mostra a fragilidade de seu sistema institucional, que facilmente se quebra diante de situações críticas.

Estamos assistindo a um momento histórico que nos convoca a pensar sobre as diferentes formas de desconstruir e construir sistemas de representação e reconhecimento do outro, considerando suas necessidades emocionais como parte do direito a existir, e facilitando a busca por autonomia e novos sentidos de convivência.

A função da sociedade, através de suas instituições; a cultura, através da promoção de espaços de expressão; a psicanálise ou outras intervenções terapêuticas, através da validação dos estados emocionais em momentos e contextos críticos, requerem o aporte de elementos que reflitam e reconheçam o choque vivenciado. Isso permitiria que os pais e cuidadores passassem do caos, do vazio, do desânimo e da desesperança para a simbolização do trauma.

Seria uma tarefa coletiva e solidária de recuperação da dignidade, como enfatiza Julia Kristeva (1999) em seu conceito de "revolta" ao propor uma ação crítica de colaboração e apoio mútuo nos processos de transformação. O conceito nos convida a questionar e refletir sobre a necessidade de se comprometer com a transformação social, o que implica uma ética de reconhecimento do outro, que respeite e valorize os diversos modos de existência e contribuição de cada indivíduo para sua sociedade.

O momento atual apresenta uma oportunidade não só para expressar nossas emoções, mas também para analisar e refletir sobre nossas deficiências, identificando e revelando aquelas dinâmicas que negam nossa vulnerabilidade e negligenciam as necessidades da maioria. Considerando que as instituições são organizações em contínua construção, nos questionamos se poderiam ser redesenhadas, tornando-se mais presentes na vida de seus moradores, conhecendo-os, reforçando os valores interculturais<sup>2</sup>, dialogando, convidando-os a participar ativamente das transformações, e reforçando a consciência de que os pais e cuidadores adultos são importantes para as crianças.

---

<sup>2</sup> O conceito de *ayni* em quíchua se refere à reciprocidade, igualdade e justiça. A partir dos *ayni* as relações sociais foram se organizando nas comunidades andinas desde a época inca.

Estudios recientes nos Estados Unidos e na América Latina indican que a solidão e a violência que caracteriza a vida urbana predisponem os padres a sofrerem de ansiedade e depressão, a quem se tem dado muito pouca atenção.

A realidade atual representa um desafio. Precisamos de um tempo para processar o trauma, para recuperar a capacidade de pensar, para aprender e para procurar novas soluções que deem continuidade à vida. Acima de tudo, é necessário recuperar um espaço de esperança, e um compromisso sério para “reviver” ou restaurar aqueles laços que foram danificados.

Diante da convulsão social, a psicanálise tem muito a oferecer: pode fortalecer a consciência da importância do cuidado, aliviando o mal-estar sentido na cultura atual. Devemos isso às novas gerações, que têm um futuro pela frente.

#### Referências bibliográficas:

COMISIÓN DE LA VERDAD Y RECONCILIACIÓN. (2003). Informe final. Comissão de Verdade e Reconciliação do Peru.

<https://www.cverdad.org.pe/lfinal/>

FREUD, S. (1913). Tótem y tabú. Em L. López Ballesteros (Trad.), Obras completas (pp. 419-507). Biblioteca Nueva.

GREEN, A. (1993). La madre muerta. Em Narcisismo de vida y Narcisismo de muerte (pp. 209-238). Amorrortu.

GREEN, A. (2001). La muerte en la vida. Algunos puntos de referencia para la pulsión de muerte. Revista de Psicoanálisis, 58(2), 291-309.

KRISTEVA, J. (1999). El porvenir de la revuelta. Fondo de Cultura Económica.

MARANS, S. (Presentador). (2020, 13 de setiembre). Psychoanalysis at the Interface of the Community and the Police (N° 65) [Episódio de podcast de áudio]. Em IPA Off the Couch. International Psychoanalytical Association.

<https://ipaoffthecouch.org/2020/09/13/episode-65-psychoanalysis-at-the-interface-of-the-community-and-the-police-with-steven-marans-ph-d/>

WINNICOTT, D. W. (1971). Playing and reality. Penguin Books.